

Análise dos jornais: “O Estado de S. Paulo” e “Diário de Notícias” Diferentes posicionamentos da imprensa acerca do Movimento de 1932

Bruna Oliveira da Silva *

Graziela Mazzeo Madeira **

Resumo: Neste artigo propõe-se contrapor os jornais “O Estado de S. Paulo” e “Diário de Notícias” no período em que ocorre o Movimento de 1932. Objetiva-se analisar as diferentes posições da imprensa acerca deste acontecimento. Para tanto, investiga-se as quatro primeiras páginas que noticiam o início e o término do Movimento, nos dias 11 de julho e 04 de outubro de 1932. Averigua-se tanto a disposição textual e imagética proposta pelos editores, quanto o conteúdo nelas exposto. Adota-se como principal referência para o estudo, o posicionamento assumido por Maria Helena Rolim Capelato na obra *O movimento de 32: a causa paulista*. Evidencia-se a polarização política existente entre os periódicos e, tendo por base que a imprensa é um veículo de comunicação capaz de influenciar a opinião pública através dos discursos expostos, ressalta-se sua relevância para a análise do acontecimento. Portanto, o Movimento de 1932 pode ser compreendido de maneiras distintas, a depender dos interesses que os agentes históricos envolvidos – os editores, a elite paulista e o Governo – almejam perpetuar, seja no período considerado ou nos dias atuais.

Palavras-Chave: Movimento de 1932; imprensa; opinião pública; discurso; História.

Introdução

O artigo consiste em uma análise comparativa entre os jornais “O Estado de S. Paulo” e “Diário de Notícias”, sendo o primeiro paulista e o segundo carioca, sobre o Movimento

*Mestranda em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). E-mail: bruna_oliveiras1@hotmail.com

**Graduada em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). E-mail: graziela.madeira@usp.br

ocorrido na cidade de São Paulo, em 1932. Trata-se de um estudo realizado com base na imprensa e no modo como ela retratou o Movimento.¹

Diferentes abordagens foram elaboradas sobre o evento estudado, incitando um intenso debate, que demonstram a relação entre História, poder e memória. Já no século XIX, momento de construção do Estado nacional, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), criado em 1838, adotou como uma de suas atividades principais a responsabilidade de desenvolver também no plano da História a legitimidade do novo Estado nascente (GUIMARÃES, 1988, pp. 05-06).

Conforme o tempo de sua criação, os vinte e sete fundadores do Instituto eram profissionais que atuavam em funções do aparelho de Estado, além de serem portugueses, vindos para o Brasil e ainda ligados a Casa de Bragança. A partir de sua origem e ao longo do século XIX, o papel do Instituto esteve diretamente ligado ao processo de consolidação do Estado Imperial, que se deu no decorrer do Segundo Reinado:

Escrever a história brasileira enquanto palco de atuação de um Estado iluminado, esclarecido e civilizador, eis o empenho para o qual se concentram os esforços do Instituto Histórico. A inauguração, a 15 de dezembro de 1849, de suas novas instalações, no Paço da Cidade, simbolizam um novo começo para a vida da entidade e marcam nitidamente um aprofundamento de suas relações com o Estado Imperial (GUIMARÃES, 1988, pp. 10).

O desenvolvimento dos trabalhos encetados no IHGB passaram por discussões acerca das particularidades da sociedade imperial e trouxeram para a ordem do dia, um debate sobre a importância dos diferentes grupos que a compunham. A opção adotada consistiu em manter as hierarquias então vigentes:

¹ O termo utilizado: Movimento, em detrimento de Revolução, retoma a mesma nomenclatura utilizada por Maria Helena Rolim Capelato no livro *O movimento de 32: a causa paulista*. Ao longo deste artigo, esta nomenclatura foi utilizada sempre em referência a esta pesquisadora. Já em relação aos eventos de 1930, a escolha recaiu sobre o uso do termo “Revolução”, pois houve uma alteração da ordem política, uma vez que o próprio governo central passou a nomear os governadores, que então se denominavam “interventores”. A partir da nova organização política a rotatividade entre presidentes representantes de São Paulo e aqueles cuja base de apoio remontava a Minas Gerais foi rompido definitivamente.

Análise dos jornais: “O Estado de S. Paulo” e “Diário de Notícias” Diferentes posicionamentos da imprensa acerca do Movimento de 1932

[...] a manutenção da raça branca na sala de visitas da história, depende da exclusão pessimista dos negros para os cantos mais sombrios da construção senhorial. Os índios, aos quais fica sugerido o significativo lugar de símbolo da nacionalidade, deveriam ficar expostos em magníficas vitrines na sala da biblioteca (MACHADO, 2003, pp. 245).

No plano regional, a criação de uma História legitimadora do poder dos estados também exaltou determinados setores sociais em detrimento de outros. Por exemplo, na obra “Raça de Gigantes: a civilização no planalto paulista”, redigida por Alfredo Ellis Júnior em 1926, é possível observar o discurso construído pelo autor na tentativa de exaltar o papel desempenhado pelos homens que integravam as bandeiras no período colonial. Segundo o autor, a própria origem rústica dos colonizadores oriundos da península Ibérica contribuiu para a adaptação destes homens em meio à natureza presente na América portuguesa. Ao ressaltar a “bravura” dos indivíduos, Ellis tornou-se um dos responsáveis pela construção do “mito do bandeirante”, ou seja, da memória que exalta as realizações destes homens e negligencia o quanto diferentes sociedades indígenas foram afetadas pela escravidão a que tais indivíduos as submeteram:

Com a exposição supra, verifica-se, que, o altiplano paulista era povoado, por um núcleo humano de estupenda e soberana eleição, do qual era de esperar sem embargo de ser numericamente reduzido, os grandes prodígios que de fato realizaram no decurso da evolução dos capítulos memoráveis da história desta terra (ELLIS JÚNIOR, 1926, pp. 136).

O engrandecimento da memória bandeirante foi recobrado em 1932, quando eclodiu o movimento paulista que objetivava, principalmente, forçar o governo de Getúlio Vargas a promulgar uma nova Constituição, uma vez que em 1930 a carta magna havia sido suspensa após o golpe que destituiu a Primeira República. Inclusive, Ellis participou dos conflitos de 1932, vindo até mesmo a ser baleado. Tendo sobrevivido ao conflito, passou a ocupar a cadeira de História da Civilização Brasileira, na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP) (MONTEIRO, 1993, pp. 05).

A partir da revisão realizada em torno da historiografia que exalta ambos os movimentos – o bandeirantismo e o movimento constitucionalista – neste artigo se adotou

como referência a obra de Maria Helena Rolim Capelato, que analisa os eventos de 1932 em uma óptica distinta e crítica.

Como a imprensa é um veículo portador da opinião pública, optou-se pela análise de jornais que serviram de meios de comunicação entre os participantes dos conflitos e a população, no caso paulista, vindo a ocorrer o mesmo no Rio de Janeiro entre o Governo Federal e os moradores das cidades.

Foram selecionadas as quatro primeiras páginas dos jornais para que a análise fosse realizada. A escolha deveu-se à tentativa de observar o retrato feito pela imprensa acerca do Movimento em seu início e também no seu término. Os conflitos entre as tropas paulistas e o Governo Federal ocorreram entre os meses de julho e outubro de 1932, assim, os jornais selecionados datam deste período.

Antes da análise documental, realizar-se-á uma pequena abordagem sobre o Movimento, na tentativa de melhor compreender as causas que o desencadearam, de modo que os conflitos sejam analisados a partir das articulações sociais que culminaram em sua eclosão. Para tanto, será utilizada como referência o livro *O Movimento de 32: a causa paulista*, de Maria Helena Rolim Capelato.

De acordo com a pesquisadora, o Movimento de 32 resulta principalmente de uma intensa disputa entre os setores da classe dominante paulista e o governo central, no entanto, Capelato ressalta que a sociedade paulista como um todo estava em crise. No início da década de 1920, é possível observar que houve contestação do poder oligárquico dominante no Estado. A contestação traduziu-se na formação do partido Democrático Paulista, ocorrida em 1926, que era, em essência, uma dissidência do partido Republicano do estado paulista.

Na tentativa de obter vitórias a partir das disputas eleitorais, a ramificação também pertencente à elite paulista, procurou estabelecer uma série de associações, a fim de garantir a tomada de poder. Aliou-se com os setores médios urbanos, com uma porção do operariado

Análise dos jornais: "O Estado de S. Paulo" e "Diário de Notícias" Diferentes posicionamentos da imprensa acerca do Movimento de 1932

e também com as frentes revolucionárias responsáveis pela Revolução de 1930. A gama de associações formou a denominada Aliança Liberal. Os problemas advindos desta série de acordos vêm à tona quando se observa que o partido Democrático concretizou alianças com setores que detinham pautas contrárias às suas.

As frentes revolucionárias de 30 queriam a formação de um Estado centralizado intervencionista, onde não houvesse espaço para o poderio desmedido das forças regionais e estaduais. Um Estado centralizado seria capaz de sanar a crise econômica advinda da excessiva valorização do café, agravada devido à quebra da Bolsa de Valores de New York em 1929. De acordo com este pensamento, o Liberalismo² deveria ser combatido, pois ele não fora capaz de sanar os problemas econômicos e sociais. Com a pressão Tenentista perante o Governo Provisório, retornava à esfera estatal a ideia "salvacionista" do Exército, segundo a qual não caberia aos civis o governo do Estado, mas sim aos militares.

Após a Revolução de 30, Getúlio Vargas sobe ao poder e instaura um Governo Provisório, nomeando para cada Estado a figura de um interventor e junto a ele, os Tenentistas, pertencentes às baixas categorias do Exército, também passam a integrar o governo. É o início da procura por maior centralização do poder:

A perda parcial do poder político após a Revolução de 30, não é acompanhada de mudanças na estrutura de domínio social. [...] as oligarquias dissidentes,

2 Segundo o "Diccionario político y social del mundo iberoamericano. La era de las revoluciones, 1750-1850", uma das definições possíveis de Liberalismo seria, mesmo no início no século XX: "[...] liberal/liberalismo» fue perfilándose en todo el mundo occidental como un macroconcepto legitimador de las nuevas instituciones, equivalente en gran medida a modernidad política. O, dicho de otro modo, bajo esta palabra culta y prestigiosa – en el siglo xviii, «liberal» era un adjetivo de uso poco frecuente, alusivo a cierta virtud o cualidad propia de las gentes de viso– fue poco a poco encapsulándose todo un conjunto de prácticas, valores, conceptos e instituciones interrelacionadas –gobierno representativo y economía comercial; constitución, derechos individuales y separación de poderes; soberanía nacional y opinión pública– hasta constituir un hiperónimo, un verdadero cluster-concept internamente temporalizado, referido al supuesto avance de la sociedad hacia el logro de determinadas metas de perfeccionamiento político. [...] Desde nuestros supuestos metodológicos, el contenido atribuible a los «principios liberales», el «gobierno liberal», una «constitución liberal», el «partido liberal» o el «liberalismo» en general, serían simplemente en cada caso las realidades así denominadas por quienes hacían uso de tales expresiones en contextos concretos –alusiones que, en conjunto, fueron poco a poco delimitando un rango de significados de amplitud y politización creciente. [...] En realidad, el «liberalismo» sólo empieza a emerger como una identidad política titubeante, cuyos seguidores se reconocen y son reconocidos como tales, a partir de 1820 aproximadamente [...]". (SEBASTIÁN, 2009, pp.696-700).

que estão separadas dos segmentos que ocupam o poder até outubro de 1930, unem-se a elas desde que o governo central de Getúlio Vargas e os tenentes acaparam os postos políticos (CARONE, 1975, pp. 12).

O Movimento de 1932 foi resultado, portanto, de uma disputa política que se acirrou na década de 20 e que viria a eclodir na década de 1930. A insatisfação paulista perante o Governo Provisório manifestou-se com a formação da Frente Única Oligárquica paulista. A pauta capaz de unir esta Frente Única, aos estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul diz respeito à bandeira da reconstitucionalização³ e da busca pelo retorno da autonomia que se dizia perdida. Entretanto, estes estados, quando da eclosão do Movimento em 09 de julho, decidiram não lutar a favor de São Paulo⁴

Diferentes posicionamentos da imprensa

O primeiro jornal analisado foi a edição do dia 11 de julho de 1932 de “O Estado de S. Paulo”, número: 19.217, ano LVIII, diretores: Nestor Rangel Pestana e Júlio de Mesquita Filho, redator-chefe: Plínio Barreto, gerente: Ricardo Figueiredo. A redação e administração eram localizados na Rua Boa Vista, nº 32 e gráficas na Rua Barão Duprat, nº 41, São Paulo.

Nota-se na estrutura da primeira página da edição que os escritores abordaram com ênfase os acontecimentos do Movimento, iniciado em 09 de julho. A manchete consiste na seguinte mensagem: “O Movimento Constitucional iniciado em S. Paulo ganha terreno hora a hora” (“O Estado de S. Paulo”, 11 de julho de 1932).

3 Isto é expresso no seguinte documento: “O Partido Republicano Paulista e o Partido Democrático de São Paulo vêm anunciar [...] que está feita a união sagrada dos paulistas em torno de dois problemas que envolvem todas as nossas esperanças e destinos: a pronta reconstitucionalização do país e restituição a São Paulo da autonomia de que há dezesseis meses se acha esbulhado.”(CARONE, 1975, pp. 185).

4 Exemplificando aqueles que se tornaram contrários ao Movimento: “[...] Flores da Cunha (interventor no Rio Grande do Sul), até então vacilante, decidiu dar apoio a Getúlio Vargas. Olegário Maciel (interventor em Minas Gerais) aceitou negociar com o poder central, e interventores de outros Estados se colocaram ao lado do Governo Federal, oferecendo tropas para lutar contra o movimento paulista. O jogo de forças estava, pois, definido.” (CAPELATO, 1981, pp. 19).

Análise dos jornais: “O Estado de S. Paulo” e “Diário de Notícias” Diferentes posicionamentos da imprensa acerca do Movimento de 1932



Imagem 1: “O Estado de S. Paulo”, 11 de julho de 1932

O texto de chamada demonstra o apoio e o entusiasmo percebido pela direção do jornal de acordo com as manifestações ocorridas no início do Movimento. A seguir, é possível observar na página oito imagens, todas com tamanhos distintos, das quais sete consistem em retratos de homens que ocupavam, naquele momento, cargos políticos na administração da cidade.

Seguindo uma leitura estabelecida da esquerda para a direita, de cima para baixo, visualiza-se que a primeira fotografia pertence ao Dr. Waldemar Ferreira, Secretário da Justiça e Segurança Pública; a segunda refere-se ao Dr. José Rodrigues Alves Sobrinho, Secretário da

Educação e Saúde Pública; a terceira, ao Dr. Joaquim de Abreu Sampaio Vidal, Diretor do Departamento Municipal e a quarta diz respeito ao então Governador do Estado, Dr. Pedro de Toledo. Nota-se que esta imagem recebeu maior destaque, pois ela está posicionada próximo ao texto de chamada da manchete principal e quase em posição central, diferente das outras fotografias. Já a quinta imagem refere-se ao Dr. Francisco da Cunha Junqueira, Secretário da Agricultura, a sexta ao Dr. Paulo de Moraes Barros, Secretário da Fazenda e a sétima diz respeito ao Dr. Gofredo da Silva Telles, Prefeito Municipal.

A oitava imagem não segue o padrão das anteriores. Ela é muito maior que as demais e sua temática não se refere a uma única pessoa, mas sim à manifestação popular paulista, do Exército e da força pública, aclamando o Dr. Pedro de Toledo como Governador do Estado. A legenda da foto, além de fornecer tais informações, informa que a multidão presente é apenas uma parte da totalidade. Com esta afirmação, procura-se evidenciar a adesão massiva dos setores ao Movimento que se inicia e também apoio total ao novo Governador - civil e paulista.

É possível identificar na imagem um esforço para demonstrar que o maior ator político do momento era caracterizado pelos próprios paulistas. Com base na ilustração, os grupos pareciam favoráveis ao Governador e, portanto, pareciam também apoiar os planos de governo desenvolvidos por ele. O Movimento iniciado apresentava, então, a voz da população e dos governantes, representando assim o uníssono do Estado para os leitores da publicação.

Já no que se refere ao texto presente na página, é possível observar que ele se divide em dois tópicos denominados: “A tarde e a noite de ontem” e “O sr. Pedro de Toledo foi aclamado Governador do Estado S. Paulo”. Em ambos, a direção do jornal procura demonstrar que houve aclamação do novo Governador e que a participação feminina foi efetiva, sendo, portanto, importante para o Movimento que se iniciava. Os responsáveis pela publicação também relataram que os cargos públicos foram mantidos, assim como as leis vigentes, demonstrando assim a manutenção da “ordem”⁵.

⁵Percebe-se que a palavra “ordem” pode assumir dois significados no contexto analisado. Pode significar a

Análise dos jornais: “O Estado de S. Paulo” e “Diário de Notícias” Diferentes posicionamentos da imprensa acerca do Movimento de 1932

No primeiro tópico “A tarde e a noite de ontem”, nota-se a relação da imprensa com a população da cidade. O jornal procura mostrar que os indivíduos da imagem estavam ávidos por informações sobre o Movimento:

Na ansia de adquirir o jornal, os compradores atiravam o dinheiro sem pedir troco. Os passageiros dos bondes, enquanto o carro parava diante da aglomeração, ficavam de pé e, gritando para os vendedores, solicitavam ansiosamente o jornal (“O Estado de S. Paulo”, 11 de julho de 1932).

Há trechos do texto que apresentam a preocupação em demonstrar o interesse feminino nos eventos e sua relação com o jornal, pois:

[...] o interesse com que as senhoras acompanham o desenrolar dos factos. Os nossos telephones não cessam de tilintar e, a cada passo, uma voz feminina pedia informações, dirigia palavras de apoio aos combatentes, transbordando de entusiasmo cívico (“O Estado de S. Paulo”, 11 de julho de 1932).

Houve um empenho dos redatores do jornal em ressaltar o entusiasmo de vários setores da sociedade paulista em participar do Movimento, fosse indo às ruas através de manifestações, como a exibida na oitava imagem da página, ou voluntariando-se para integrar os batalhões.

O segundo jornal analisado foi o “Diário de Notícias”. Por tratar-se uma edição “extra” não foram localizadas informações sobre os redatores e diretores do volume, no entanto, foram impressos os dados sobre o ano, III, o número da tiragem, 750 e a localização da redação e da gráfica, Rua Buenos Aires, nº 154. As demais referências foram encontradas nos registros da Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional:

O *Diário de Notícias* foi um matutino de tamanho *standard* lançado a 12 de junho de 1930 no Rio de Janeiro (RJ), por três jornalistas egressos de O Jornal, dos Diários Associados: Orlando Ribeiro Dantas (o regente da iniciativa e diretor da nova folha), Nóbrega da Cunha e Alberto Figueiredo Pimentel

manutenção das leis e do quadro governamental, primeiramente, e também recebe a conotação do ideário anticomunista existente no estado de São Paulo, sendo uma das principais bandeiras de luta (CAPELATO, 1981, pp. 58).

Bruna Oliveira da Silva
Graziela Mazzeo Madeira

Segundo. Inicialmente propriedade de uma sociedade anônima presidida por Manoel Magalhães Machado, com Aurélio Silva como secretário, o periódico surgiu moderno e arrojado, contextualizado na guinada que consolidou a estrutura empresarial na imprensa brasileira. Após se firmar como um dos mais importantes diários do jornalismo brasileiro, tendo apoiado e, sobretudo, combatido a política de diversos governos distintos, ocasião em que se mostrou ambivalente, circulou até novembro de 1976, após falhar em seu projeto de colher dividendos ao adotar uma linha favorável ao governo militar instaurado com o golpe de 1964⁶.

A data é a mesma da análise dedicada ao jornal “O Estado de S. Paulo”, 11 de julho de 1932. Como mencionado anteriormente, este é um jornal carioca.



Imagem 2: “Diário de Notícias”, 11 de julho de 1932

6 Informações contidas no site da Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/diario-de-noticias-rio-de-janeiro-1930/>>. Acesso em: 13 de junho de 2018.

Análise dos jornais: “O Estado de S. Paulo” e “Diário de Notícias” Diferentes posicionamentos da imprensa acerca do Movimento de 1932

A estrutura da página contém oito imagens de tamanhos variados e todas referem-se às personalidades políticas da época, apresentadas a partir da legenda das fotografias, que possuem ambiguidade, pois permitem interpretações distintas, como pode ser observado a seguir: “Sr. Pedro Toledo, que abandonou o governo paulista” (“Diário de Notícias”, 11 de julho de 1932). A partir da leitura, pode-se interpretar que Pedro de Toledo posicionou-se de forma contrária ao Movimento. No entanto, pode-se também compreender que a utilização do verbo “abandonar” enfatiza o desligamento desta personalidade do cargo de interventor estadual, designado por Getúlio Vargas. Como se sabe, Pedro de Toledo assumiu o governo do estado a partir da legitimação popular e não através da nomeação externa feita pelo chefe do Governo Provisório.

Enfatiza-se a imagem do General Isidoro, por meio de seu tamanho diferenciado e de seu posicionamento central na página. A legenda de sua foto é a única a apresentar-se de forma clara, pois afirma: “General Isidoro, chefe do movimento de 24 em São Paulo e chefe do novo movimento paulista.” (“Diário de Notícias”, 11 de julho de 1932).

Na parte inferior da página há dois destaques, o primeiro intitulado: “Uma Proclamação do Governo aos ‘Soldados da Ordem’ - o que diz o sr. Getulio Vargas, sobre o movimento” e a outra: “As Notas Officiaes da Policia”. O seu conteúdo, assim como o do jornal, é uma tentativa de diminuir a importância do Movimento, a partir do uso de uma adjetivação negativa, ou seja, do isolamento de São Paulo perante o restante do Brasil e da ênfase no apoio de outros Estados às ações repressoras do Movimento, lideradas pelo Governo Provisório, como pode ser observado no seguinte trecho retirado da publicação:

Explodiu hontem, em São Paulo, um movimento sedicioso, do qual participam apenas dois corpos da guarnição daquelle Estado. O movimento se acha circumscripto à capital de São Paulo, estando o resto do paiz em perfeita ordem. O governo domina inteiramente a situação, já havendo recebido dos interventores dos Estados a segurança de se encontrarem em condições de prestar auxílio efficaz ao restabelecimento da ordem (“Diário de Notícias”, 11 de julho de 1932).

Além de mostrar a situação de São Paulo, o jornal também se preocupava em fornecer notícias sobre outros estados, entre eles: Bahia, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande Sul, reforçando seu posicionamento favorável a Getúlio Vargas.

Comparando-se os jornais desta data, destaca-se o posicionamento contrário de ambos, pois "O Estado de S. Paulo" exalta o Movimento de 1932 a ponto de denominá-lo como "Movimento Constitucionalista" ou como "Revolução". Já o "Diário de Notícias" utiliza primeiramente uma denominação semelhante àquela usada pelo "Estado de S. Paulo", no caso "movimento revolucionário", no entanto, no decorrer da página, os editores adjetivavam o Movimento com as seguintes nomenclaturas depreciativas: "movimento subversivo contra o governo", "movimento sedicioso", "golpe de contra-revolução", interpretado como golpe contra a Revolução de 1930, além de outras denominações, como "levante de S. Paulo".

Percebe-se também, por meio da utilização das imagens, a diferença de posicionamento entre ambos, pois "O Estado de S. Paulo" confere maior ênfase ao apoio de vários setores sociais ao Movimento. Já o "Diário de Notícias" renega o apoio dos vários setores ao Movimento e só utiliza pequenas imagens de políticos.

O conceito de "ordem" difere em ambos, já que o primeiro jornal analisado utilizava-o da seguinte forma: "ordem" significa tanto a manutenção das leis quanto o combate ao Comunismo. No segundo jornal, "ordem" significava manter o projeto de um Estado intervencionista como o vigente, de modo a combater o Movimento paulista.

O mesmo ocorre com a visão tida acerca do apoio do Exército: ambos dizem que o setor lhes fornecia suporte. O primeiro afirmava na legenda da oitava foto que o Exército⁷ era favorável ao Movimento, enquanto o segundo declarava que apenas dois aquartelamentos o apoiaram e reivindicava para si o apoio de todo o restante, como pode ser lido nos dois destaques do "Diário de Notícias".

7 Interpretou-se que a designação "Exército" correspondia à totalidade da corporação e não apenas a uma porção dela.

Análise dos jornais: “O Estado de S. Paulo” e “Diário de Notícias” Diferentes posicionamentos da imprensa acerca do Movimento de 1932

O terceiro jornal escolhido consiste no exemplar de “O Estado de S. Paulo” do dia 04 de outubro, número 19.302. As demais informações são semelhantes ao primeiro jornal analisado. A estrutura da página difere do primeiro exemplar, pois não apresenta nenhuma fotografia ou imagem ilustrativa do momento retratado. Entretanto, possui três anúncios propagandísticos, dois referentes a medicamentos e um último que faz menção à retomada do sistema de telégrafos para envio de notícias ao exterior.

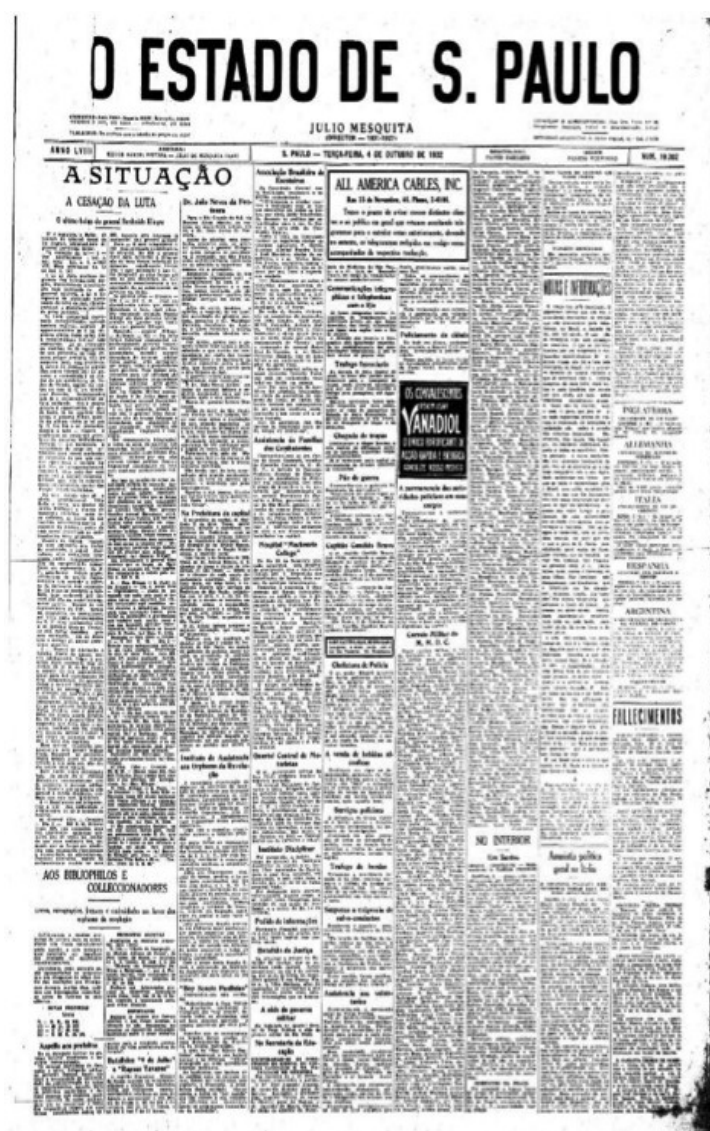


imagem 3: “O Estado de São Paulo”, 04 de outubro de 1932

Nota-se também a ausência de uma manchete, que costumava exibir a principal notícia do dia. Em uma primeira visualização também se destaca o excesso de informações e a grande quantidade de notícias. Com sua leitura, observa-se que a maioria retrata o Movimento de 1932.

O primeiro destaque trouxe um resumo acerca das negociações para o término do conflito. A direção do jornal expôs que as negociações foram iniciadas em fins de setembro, trazendo como exemplo vários boletins sobre: “A Cesação da Luta” (“O Estado de S. Paulo”, 04 de outubro de 1932). A partir da leitura, percebe-se que estes boletins não são plenamente claros, pois há falhas de comunicação entre os representantes de ambas as partes, como pode ser visto em: “Como, é fácil compreender, houve certos desencontros de operações, iniciativas e ordens, sobrevieram dificuldades de ligações e comunicações donde certa confusão em distribuição dos elementos.” (“O Estado de S. Paulo”, 04 de outubro de 1932).

Observa-se que uma das resoluções tomadas se refere à deposição do governo civil e a instituição de um governo militar. Pedro de Toledo foi então deposto para que o Coronel Herculano de Carvalho e Silva assumisse o cargo. Por ser militar, sua nomeação foi aceita pelo Governo Provisório.

A troca de cargos políticos ou manutenção deles é um dos destaques da página, pois se noticia tanto a mudança de postos estaduais quanto a manutenção de cargos municipais:

[...] tendo em vista a necessidade da continuidade da administração de todos os departamentos, appella para os prefeitos municipaes e demais pessoas que exercem qualquer parcella do poder público, para que se conservem à testa dos respectivos cargos, até que outras providencias sejam, tomadas para completa normalidade da vida administrativa do Estado (“O Estado de S. Paulo”, 04 de outubro de 1932).

Interpretou-se que as medidas foram tomadas com a intenção de evitar distúrbios locais, tendo em vista que o controle do governo estadual estaria assegurado nas mãos de um militar, sendo este governo instalado no Quartel General da Força Pública. No entanto,

Análise dos jornais: “O Estado de S. Paulo” e “Diário de Notícias” Diferentes posicionamentos da imprensa acerca do Movimento de 1932

Gofredo T. da Silva Telles, então Prefeito de São Paulo, entregou o governo da capital, retirando-se até que um novo substituto fosse apontado.

O restante da página refere-se aos diferentes objetivos que relatam a situação de vários setores envolvidos nos conflitos, justificando-se a quantidade de informes como uma tentativa de mostrar a retomada da vida cotidiana, por exemplo: graças ao restabelecimento das comunicações com o Rio de Janeiro; interdição do trânsito de bondes após às 21 horas e restabelecimento do tráfego ferroviário para passageiros; proibição da venda de bebidas alcoólicas e fechamento dos bares às 23 horas.

Houve também a preocupação em demonstrar que não ocorreu injustiça para com os envolvidos nos acontecimentos, quando o jornal mencionou a assistência aos doentes; aos órfãos e todos os envolvidos nos conflitos do Movimento; o pagamento aos voluntários, oficiais e praças; informações às famílias dos combatentes e notas de falecimento.

Além dos informes, também trouxe notícias sobre um conflito no Porto de Santos e outrossim relatou acontecimentos nos seguintes países: Argentina; Itália; Alemanha; Inglaterra e Espanha.

Em uma sessão intitulada “Notas e Informações”, os editores exibiram seu posicionamento favorável ao Movimento. Não é mencionado o termo “derrota” e também não se tem uma manchete que comente o “término” dos conflitos, há apenas uma menção positiva para o fim:

O que se encerrou hontem por um inesperado e melancólico desffalecimento de algumas tropas, não foi a luta pela redempção do Brasil: foi o primeiro episódio da batalha iniciada e que só terminará com a victória completa da mais bella, mais nobre e mais brasileira das causas por que, ainda, até hoje, mãos brasileiras empunharam armas (“O Estado de S. Paulo”, 04 de outubro de 1932).

Foram exibidas as negociações e expostas a troca da cúpula do governo estadual, mas não se assumiu que o Governo Provisório retomou o comando do estado: “S. Paulo não deve

desanimar. O gigantesco esforço que elle fez, assombroso movimento de reacção que elle desencadeou para restabelecer, no Brasil, o império da lei, não foi estéril." ("O Estado de S. Paulo", 04 de outubro de 1932).

No destaque, afirmou-se que São Paulo não deve desanimar, pois o esforço realizado procurou desencadear o restabelecimento da lei no Brasil, e não apenas em São Paulo. A causa seria, portanto, nacional e legítima, a partir da visão daqueles que participaram do Movimento.

É notável a ênfase dedicada à tentativa de demonstrar uma continuação da luta pelos objetivos reivindicados, sendo eles relacionados principalmente ao retorno do quadro constitucional em todo país, ao que se destaca a afirmação: "O que não se conseguiu hoje, será conseguido amanha." ("O Estado de S. Paulo", 04 de outubro de 1932).

Nota-se também a procura em explicitar a popularidade e a participação dos habitantes da cidade no Movimento:

O Povo, que deu de si as mais espantosas provas de bravura e resistência, de intrepidez e resignação não se deu à pressão dos exércitos dictatoriaes. Não afrouxou. Não recuou. Não transigiu. Ao contrário: continuava disposto a todos os sacrifícios. Estava prompto a novos martyrios. [...] Não se resigna à escravidão, nem se considera vencido, um povo que fez o que o povo de S. Paulo, com admiração geral, acaba de fazer ("O Estado de S. Paulo", 04 de outubro de 1932).

No entanto, em "Notas e Informações", assim como ao longo de todo o Movimento, interpreta-se que a garantia dos direitos individuais, presentes no ideário liberal, não pretende ser expandida a todos os setores sociais. O operariado, por exemplo, é excluído da memória do Movimento de 1932 (CAPELATO, 1981, pp. 64), pois a elaboração das leis trabalhistas era vista pela elite paulista como uma intervenção estatal na economia e na política do Estado. A classe dominante se mobilizou contra o encaminhamento das questões sociais e conseqüentemente contra a aprovação dos benefícios legais dedicados à classe trabalhadora (CAPELATO, 1981, pp. 70).

Análise dos jornais: “O Estado de S. Paulo” e “Diário de Notícias” Diferentes posicionamentos da imprensa acerca do Movimento de 1932

O tratamento dedicado pela elite paulista aos imigrantes, negros e indígenas participantes do Movimento, naquele contexto, foi elogioso, pois houve a necessidade de integrá-los à “raça privilegiada dos paulistas” (CAPELATO, 1981, pp. 31). A necessidade de se formar tropas para os conflitos fez com que a propaganda apelativa em torno do recrutamento atingisse setores que até então eram excluídos, no caso negros e indígenas. Contudo, a integração teve seu término quando as tropas constitucionalistas foram dispensadas.

Ressalta-se o caso da Legião Negra, um batalhão formado somente por negros: “Cabe mencionar que o batalhão foi exterminado. Dessa unidade, não restou nem mesmo o registro dos nomes dos mortos.” (CAPELATO, 1981, pp. 30). No caso dos indígenas, sabe-se que 75 membros da sociedade Avai formaram um batalhão que ficou aquartelado no mesmo local ocupado pela Legião Negra. Entretanto, não se tem informações suficientes acerca dos acontecimentos que se abateram sobre eles, interpretando-se assim a ausência como mostra da secundariedade destes indivíduos na perpetuação da memória do Movimento.

No término da nota, é dito que: “É um Brasil novo e forte o que surgiu em S. Paulo e o futuro é dos novos e fortes.” (“O Estado de S. Paulo”, 04 de outubro de 1932). Interpreta-se a finalização como sendo dotada de um tom restrito, que resume o Brasil à cidade de São Paulo, sendo todo o restante do país negligenciado.

O quarto jornal analisado foi a página inicial do “Diário de Notícias” do dia 04 de outubro de 1932, que informava o número da tiragem, 833, e a localização da matriz continuava sendo a mesma da edição anterior. Em relação à estrutura, ressalta-se a quantidade de informações existentes no topo da página⁸, sendo uma delas a manchete principal: “A Terminação da

8 Ao todo, podem ser lidos nove destaques: “Normaliza-se a vida da Paulicéa. Inúmeras pessoas voltaram á actividade de antes do movimento, procurando coordenar seus negócios”; “Como Decorreu o Dia de Hontem na Capital Paulista”; “Restabelecidos os serviços de Correios e Telegraphos Para o Visinho Estado”; “O General Klinger e seu Estado Maior Chegarão Hoje a Esta Capital”; “Um boletim do comando da Força Pública Paulista ao povo”; “Declarações do novo Governador Militar de S. Paulo”; “O Engenheiro Mario Cabral assume a responsabilidade dos actos praticados na vigência de sua administração na Central do Brasil”; “A prisão de vários políticos e principaes chefes da M.M.D.C.” e “Noticias do Ministerio da Guerra” (“Diário de Notícias”, 04 de outubro de 1932).

Guerra Civil". As notícias sobre o Movimento de 1932 continuavam a ser expostas na quarta página do jornal, no entanto, devido ao recorte feito neste artigo, ela não será analisada.



Imagem 4: "Diário de Notícias", 04 de outubro de 1932

Modificou-se a nomenclatura utilizada para retratar o Movimento, é dito "guerra civil", ao invés das denominações usadas por este mesmo jornal na edição do dia 11 de julho do respectivo ano.

Análise dos jornais: “O Estado de S. Paulo” e “Diário de Notícias” Diferentes posicionamentos da imprensa acerca do Movimento de 1932

Na parte central da página é possível observar uma imagem chamativa, que exibe a ilustração de um homem trabalhando em uma fábrica, com chaminés, edifícios e, ao longe, uma aparente lavoura. Aqui é válido ressaltar que a figura possui seu próprio quadro textual, cujas dimensões se destacam aos olhos dos leitores, assim como uma legenda: “Após as exaltações tumultuárias da desillusão da victoria pelas armas, a Paulicéa retomará, aos poucos, o seu rytmo normal de vida operosa e fecunda” (“Diário de Notícias”, 04 de outubro de 1932).

No quadro encontra-se um texto elucidativo, nele foi ressaltado a retomada da vida cotidiana anterior ao Movimento. Pode-se interpretar que os termos utilizados no texto denotam o posicionamento do jornal em relação aos acontecimentos destes três meses de conflito. Para eles, houve uma derrota: “encerrou-se, afinal” o Movimento e então é preciso “retomar, reiniciar, restabelecer a ordem”.

Fato interessante é que já a primeira nota da página intitula-se “Normaliza-se a vida na Paulicéa” e a primeira frase diz: “A cidade está calma.”. Portanto, interpreta-se que ocorreu a finalização dos conflitos, restabelecendo assim a “ordem” e enfatiza-se a normalização da vida cotidiana.

Há, no entanto, uma contradição entre esta aparente “calma” reinante em São Paulo e a seguinte menção: “O dia de hoje, porém, ainda foi de confusão, sentindo-se em toda a parte uma profunda depressão”.

No tópico, ressalta-se que o Movimento esteve isolado em relação ao restante do país. As motivações para o início dos conflitos não são, de acordo com os editores, nacionais. Destaca-se também uma abordagem acerca do reforço policial na cidade, que se deve ao receio de invasões em prédios públicos e principalmente em garantir que o Movimento não fosse reiniciado.

Outra nota interessante é: “Boletim do commando da Força Publica Paulista”. Nele, se noticia o acordo firmado entre o comando das forças federais e os emissários das forças constitucionalistas. Foi decidido que a Força Pública retornaria a executar seu papel original de manter a ordem e garantir a propriedade.

Foi noticiada pelo jornal a deposição do governo civil paulista, visto que Pedro de Toledo foi deposto com o objetivo do coronel Herculano de Carvalho da Silva assumir a direção do estado paulista, no cargo de governador militar.

Estes tópicos: “Boletim do commando da Força Publica Paulista”; “Cumprindo ordens”; “Deposição do sr. Pedro de Toledo” e “Declarações do governador militar de S. Paulo”, descritos nos dois parágrafos anteriores, possibilitavam interpretar que houve uma apropriação da Força Pública pelo Governo Federal ao fim dos conflitos, pois no seu olhar a Força Pública havia se deslocado do papel que lhes era designado pelo estado. A apropriação deu-se por meio da própria natureza militar, uma vez que um militar habitualmente segue a ordem vigente, independentemente de seu posicionamento pessoal.

No entanto, este pressuposto foi rompido no início dos conflitos, já que a Força Pública se manifestou “contra” o Governo Provisório. Tanto que, mesmo com a nomeação do coronel Herculano, ele declarou à imprensa:

Affirmou que assumia o poder numa hora difficio e cheio de responsabilidade. Pedia à imprensa que transmitisse seu appello ao povo, para que tenha calma e se mantenha em ordem, suspendendo qualquer juízo sobre o momento histórico que S. Paulo atravessa. Acrescentou que, em tempo oportuno, a verdade surgirá inteira, e concluiu dizendo que ia reunir os elementos preponderantes da sociedade paulista, para encaminhar, com a collaboração delles, os problemas mais urgentes (“Diário de Notícias”, 04 de outubro de 1932).

Pode-se inferir que a aparente contradição, causada pelo rompimento do pressuposto e logo em seguida o retorno do papel inicial desempenhado pela Força Pública, tenha ocorrido devido à conclusão e frustração, por parte do setor militar, de que o Movimento não poderia continuar principalmente em decorrência da ineficiência política. A possibilidade de ruptura

Análise dos jornais: “O Estado de S. Paulo” e “Diário de Notícias” Diferentes posicionamentos da imprensa acerca do Movimento de 1932

com o Governo Provisório foi o que demonstrou a participação independente do setor na sociedade e no Movimento.

A partir da leitura do tópico “Aos voluntários paulistas”, escrito pelo Coronel Herculano, se exemplifica a frustração da Força Pública perante a gestão política do Movimento:

Accresce, para agravar a situação militar para a qual muito concorreu a incapacidade política dos dirigentes da revolução, visto como a situação militar era e é consequencia natural e logica da orientação política, que tudo faltou, não se importando sequer um cartucho ou fuzil (“Diário de Notícias”, 04 de outubro de 1932).

É interessante o direcionamento apresentado pelo Coronel Herculano quando ele dedicou a proclamação citada acima para as forças constitucionalistas. O Coronel utilizou a nomenclatura “voluntários” quando se referia aos combatentes, sugerindo a ideia de que todos aqueles que participaram das lutas o fizeram por iniciativa própria ou tinham decidido pela luta armada como a melhor forma de obter os ideais almejados.

Entretanto, existiam setores contrários ao Movimento dentro da própria elite paulista:

[...] J. A. Marrey Jr. (antigo membro do Diretório do PD), revelando divergências no seio do Partido no período que antecedeu a eclosão da luta armada [...]: 'Repugnava-me a idéia de uma revolução. São Paulo não estaria para ela preparado'. [...]. 'Fui contra a Revolução porque sabia que São Paulo ficaria sozinho'. [...] 'Marrey Jr. Encabeçava uma ala minoritária do Partido Democrático. Seu documento mostra, porém, que não houve unanimidade quanto à idéia de se fazer uma revolução' (CAPELATO, 1981, pp.79-80).

Assim, Capelato evidencia, por meio da análise documental, as divergências ocorridas na própria decisão pelo começo ou não do Movimento.

Em seguida, nos tópicos: “A Submissão do General Klinger”; “Radios trocados entre o general Goés Monteiro e o general Klinger” e “A parte final do ultimo boletim do general Klinger”; se relatou sua submissão perante o Governo Provisório, e assim como o coronel Herculano de Carvalho, Klinger afirmou: “[...] declaro que são minhas intenções, diante da

impossibilidade de continuar a luta com qualquer expectativa de bom exito [...]” (“Diário de Notícias”, 04 de outubro de 1932).

Em seguida, o jornal destacou o restabelecimento das comunicações entre São Paulo e Rio de Janeiro; a declaração do engenheiro Mario Cabral, que relatou o término das atividades militares constitucionalistas, na estação Central do Brasil, assumindo sua responsabilidade.

Já a nota “Em regosijo à terminação da luta no Brasil” trouxe uma comemoração feita pelos imigrantes japoneses pela possibilidade de adentrar o país após a cessação da luta. Procura-se demonstrar assim, que o Movimento se apresentava como um transtorno para a sociedade brasileira como um todo, inclusive para os imigrantes. Tal percepção se dá quando se lê as duas notas seguintes do jornal intituladas “Informações da ‘United Press’” e “O ‘Ciudad Concepcion’ pôde, afinal, reencetar viagem”. Destacando na primeira nota que, para os editores: “Foi restabelecida a tranquilidade na cidade [...]”, e na segunda: “[...] aquella embarcação pôde afinal deixar aquella porto [...]”, no qual foi retido pelos paulistas.

No destaque “A ultima reunião do secretariado paulista” nota-se uma ressalva: “Não pôde haver assim a transmissão regular do poder, quando o coronel Herculano de Carvalho assumiu o controle militar e administrativo da capital.”, conclui-se que o governo instaurado não é legítimo.

Na última coluna da página do jornal “Diário de Notícias” nomeada “Felicitações do general Goés Monteiro ao chefe do governo” é interessante a utilização do termo “[...] victoria das tropas legaes”. Para as forças federais houve realmente uma vitória e há uma diferença de nomenclatura para as tropas, pois até o momento elas eram denominadas apenas como tropas federais, e aqui nota-se o uso de um adjetivo mais contundente para legitimá-las.

Na comparação dos jornais do dia 04 de outubro de 1932 percebe-se que eles apresentavam posicionamentos contrários, mas há também semelhanças, que se restringem às notícias factuais, sendo elas apenas duas: a nomeação do coronel Herculano de Carvalho

Análise dos jornais: “O Estado de S. Paulo” e “Diário de Notícias” Diferentes posicionamentos da imprensa acerca do Movimento de 1932

como governador militar do estado paulista e a retomada das comunicações entre o governo federal, com sede no Rio de Janeiro, e São Paulo.

Em relação às diferenças, a disposição estética apresentada no jornal “O Estado de S. Paulo” é mais saturada, pois há um maior número de informações na página, do que na primeira folha do jornal “Diário de Notícias” na mesma data.

Destaca-se, também, os diferentes posicionamentos encontrados nos referidos jornais sobre o informe da situação militar e das discussões em torno do término do Movimento. No “O Estado de S. Paulo”, aparentemente ocorreram negociações confusas, restritas ao general Góes Monteiro e ao general Klinger para formalizar um armistício. Enquanto que no jornal “Diário de Notícias”, houve decisão por um término definitivo, aparentemente estabelecido a partir de uma conclusão majoritária, que afirmou a impossibilidade de continuação das hostilidades

Outra diferença de tratamento contida no “Diário de Notícias” refere-se ao tom elogioso adotado quando se fala na vitória das tropas federais. No entanto, no outro jornal trata-se de uma vitória que não é considerada legítima e nem definitiva.

Encontra-se também na página do jornal “O Estado de S. Paulo” um maior foco no retrato da situação social paulista. Fala-se no assistencialismo dedicado à população e também aos combatentes. Já no jornal “Diário de Notícias”, não está presente este foco, mas sim a preocupação em retratar a situação política do estado paulista.

Considerações finais

A partir das análises realizadas acerca das quatro páginas dos jornais pode-se dizer que eles se constituem como discursos⁹, defendem pontos de vista e posicionamentos políticos também por meio da imprensa, a qual se constitui como um veículo da opinião pública e, portanto, colabora com a expansão dos debates para além das instâncias governativas. Enquanto fonte histórica, as folhas dos jornais possuem historicidade, assim como o tratamento dedicado em sua análise pelos historiadores. Portanto, reconhecer que se trata de um meio de disputa política é o primeiro passo para compreender as diferentes posições que cada sujeito, enquanto voz pública, procurara favorecer e disseminar nas diversas páginas, de modo a angariar o maior número possível de indivíduos à sua causa¹⁰.

Portanto, não é possível tê-los como uma verdade absoluta, visto que o campo é entendido como um conceito relativo e por vezes plural. É preciso encará-los como uma possibilidade de se conhecer os variados pensamentos políticos e sociais existentes na época.

Com a análise, nota-se também que a imprensa desempenhou um papel relevante, no caso do jornal "O Estado de S. Paulo", como fomentador do próprio Movimento, visto que agiu não apenas como um veículo informativo, mas também como um agente propagandístico com a função de exaltar os voluntários combatentes e a população paulista. Enquanto o "Diário de Notícias" assumiu uma postura contemplativa, no entanto, mais favorável à causa federal.

9 Por discurso entende-se o exposto por Keith Jenkins, no livro *A História Repensada*. Nele, o autor relaciona a palavra "discurso" ao conceito de história. Para Jenkins, discurso é a expressão de um determinado poder e dos interesses pertencentes ao grupo social que os detém. O discurso veicula-se ao conceito de história quando se acredita que o segundo é mais do que uma matéria ou uma disciplina escolar. A história pode ser vista como um "campo de força", que expõem ou exclui os interesses de um determinado grupo social de acordo com sua vontade, ou seja, ter o domínio da história significa ter o próprio poder em mãos.

10 Para análise mais pormenorizada da imprensa ver: LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos: A guerra dos jornalistas na Independência 1821-1823*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. "Opinião Pública". In: João Feres Júnior (org.). *Léxico da História dos conceitos políticos do Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

Análise dos jornais: “O Estado de S. Paulo” e “Diário de Notícias” Diferentes posicionamentos da imprensa acerca do Movimento de 1932

Os jornais são provedores e difusores de discursos, cumprem sua função informativa ao trazerem relatos e textos acerca dos acontecimentos referentes ao Movimento. Além de influenciar a opinião pública de modo que podem apresentar, em algum momento, distintas contradições. A sua constituição como veículo de ideias pode não possibilitar o controle total de seus editores sobre seu conteúdo e sobre a interpretação que se pode ter a partir da leitura, mesmo que apresente como um todo determinado tipo de coerência textual.

No “Diário de Notícias” foi possível observar que as contradições se apresentaram nas duas páginas analisadas, enquanto que “O Estado de S. Paulo” seguia uma única via argumentativa, mesmo diante da situação de derrota bélica, quando seria cabível o abandono da causa dita por eles como Revolucionária.

Por fim, os jornais representam uma possibilidade ampla para entendimento da situação social existente por detrás do Movimento. A sociedade esteve envolvida nos acontecimentos e entendê-la significa compreender a própria natureza da dita Revolução.

Referências bibliográficas

- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *O movimento de 32: a causa paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CARONE, Edgard. *A Segunda República (1930-1937)*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.
- CARONE, Edgard. *O Tenentismo: acontecimentos, personagens, programas*. São Paulo: DIFEL, 1975.
- ELLIS JÚNIOR, Alfredo. *Raça de Gigantes: a civilização no planalto paulista*. São Paulo: Oficinas da Editorial Helios Limitada, 1926.
- GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. “Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional”. In: *Revista Estudos Históricos* (FGV), São Paulo, vol. 01, nº 01, 1988. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1935>>. Acesso em: 13 jun. 2018.
- JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo: Contexto, 2004.
- LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos: A guerra dos jornalistas na Independência 1821-1823*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. "Da diversidade às desigualdades: A questão étnica e os projetos de integração nacional do Brasil". In: *Revista Praia Vermelha* (UFRJ), Rio de Janeiro, v.08, n°01, 2003. Semestral. Disponível em: <<https://revistapraiavermelha.wordpress.com/edicoes-anteriores/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

MONTEIRO, John Manuel. "Caçando com gato: o problema da mestiçagem na obra de Alfredo Ellis Jr.". In: *Trabalho apresentado na XVII Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs)*. Caxambú, Minas Gerais, 1993.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. "Opinião Pública". In: João Feres Júnior (org.). *Léxico da História dos conceitos políticos do Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SEBASTIÁN, Javier Fernández. "Liberalismos nacientes en el Atlántico iberoamericano: «liberal» como concepto y como identidad política, 1750-1850". In: SEBASTIÁN, Javier Fernández (Director). *Diccionario político y social del mundo iberoamericano. La era de las revoluciones, 1750-1850*. Fundación Carolina, Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, Madrid, 2009. Versão on-line disponível no site: <<https://rodrigomorenog.files.wordpress.com/2015/08/diccionario-politico-y-social-del-mundo-iberoamericano-1750-1850.pdf>>. Acesso em: 01 de maio de 2018.

Sites utilizados

Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/diario-de-noticias-rio-de-janeiro-1930/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

Diário de Notícias: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 04 de maio de 2018.

Diccionario político y social del mundo iberoamericano. La era de las revoluciones, 1750-1850: <<https://rodrigomorenog.files.wordpress.com/2015/08/diccionario-politico-y-socialdelmundo-iberoamericano-1750-1850.pdf>>. Acesso em: 01 de maio de 2018.

O Estado de S. Paulo: <<http://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em: 04 de maio de 2018.

Revista Estudos Históricos (FGV): <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1935>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

Revista Praia Vermelha (UFRJ): <<https://revistapraiavermelha.wordpress.com/edicoes-anteriores/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

Imagens

Imagem 1: O ESTADO DE S. PAULO. Edição de 11 de julho. 1932.

Análise dos jornais: “O Estado de S. Paulo” e “Diário de Notícias” Diferentes posicionamentos da imprensa acerca do Movimento de 1932

Imagem 2: DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Edição de 11 de julho. 1932.

Imagem 3: O ESTADO DE S. PAULO. Edição de 04 de outubro. 1932.

Imagem 4: DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Edição de 04 de outubro. 1932.